



Mercator - Revista de Geografia da UFC

E-ISSN: 1984-2201

edantas@ufc.br

Universidade Federal do Ceará

Brasil

Ribeiro, Guilherme

Reseña de "Benjaminianas: cultura capitalista e fetichismo contemporâneo" de MATOS, Olgária Chain Féres

Mercator - Revista de Geografia da UFC, vol. 9, núm. 20, septiembre-diciembre, 2010, pp. 253-255

Universidade Federal do Ceará

Fortaleza, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=273619430017>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

## A ATUALIDADE DO MARXISMO

Prof. Dr. Guilherme Ribeiro  
Universidade Federal Fluminense  
Rua José do Patrocínio, 71 - CEP: 28015-030 - Campos dos Goytacazes (RJ), Brasil  
Tel.: (+ 55 22) 2733 0319 - geofilos@ig.com.br

RESENHA DE: MATOS, Olgária Chain Féres. **Benjaminianas: cultura capitalista e fetichismo contemporâneo**. São Paulo: Editora UNESP, 2010. 302p.

No momento em que escrevo — novembro de 2010 —, creio que poucas vozes opor-se-iam à constatação de que o marxismo (lato sensu) já viveu dias melhores. Após duas décadas do fim da União Soviética e da queda do Muro de Berlim, com a agonizante situação de Cuba e o caminho absolutamente singular trilhado pela China, de fato o “Socialismo realmente existente” não evoca as melhores lembranças. Evidentemente, qualquer pessoa de bom senso saberá distinguir de modo inequívoco o pensamento marxiano do processo histórico levado a cabo pelos países acima mencionados. De qualquer maneira, aqueles que continuam a refletir à luz do materialismo histórico e dialético estão, no mínimo, tendo mais trabalho que outrora. Afinal, mesmo com a Globalização sendo incapaz de esconder sua face mais cruel, não é fácil convencer alguém ou um grupo com um discurso pleno de palavras e expressões — apreendidos e expostos muitas vezes de forma mecânica — como “luta de classes”, “capital”, “trabalho”, “lucro”, “mais-valia”, “exploração”. Embora o cerne dos problemas sociais continue sendo, ao nosso ver, a natureza do capitalismo e seus desdobramentos (levando em consideração outros fatores, tais como corrupção, papel do Estado, atuação sindical, escolaridade etc.), talvez esse não seja mais o caminho. Talvez seja necessário edificar uma outra via analítica que, ao mesmo tempo que mantenha o que há de melhor no marxismo, consiga ser capaz de superá-lo — dialeticamente.

Não sei se essa foi a intenção da professora Olgária Matos. Porém, foi o que retive da leitura do erudito e multifacetado Benjaminianas: cultura capitalista e fetichismo contemporâneo. Ele é, no sentido positivo, muito mais do que um livro sobre o instigante e heterodoxo filósofo alemão Walter Benjamin. Trata-se, sim, de uma profunda crítica acerca da sociabilidade forjada no âmbito do modo de produção capitalista. Apreendendo o capitalismo enquanto uma cultura cuja prática nuclear está assentada no consumo de mercadorias, Matos vai lentamente incomodando o leitor que, inicialmente, aguardava uma interpretação histórico-filosófica em torno de Benjamin. Todavia, o que está em jogo são as múltiplas formas e manifestações engendradas pelo capitalismo que, em conjunto, fazem com que a vida social pareça não ter outro sentido senão a compra de mercadorias. Tudo gira ao seu redor, tornando homens e mulheres monótonos e monofônicos, seres incapazes de tecer relações fora dessas bases.

O livro não é otimista, penso eu. Ou, pensando bem, a análise é que seria aguda demais, expondo com todas as letras as vísceras do processo de constituição da Modernidade? Reelaborada aqui enquanto paradoxo, exílio e dépaysement, não há final feliz para a Modernidade. “Na contemporaneidade não há mais tempo para se viver grandes amores” (p.207), assevera Matos ao dialogar com Benjamin. Triste, não? O que ela apresenta é um mundo sem ética, sem utopias, sem consideração. Repetindo novamente seu investigado, constata que o mundo capitalista provocou uma verdadeira regressão social (p.73).

A intensidade do texto reside aí. Aliás, para os conformistas e acomodados de plantão, esse pode ser recebido como um livro de temas “antigos”. Contudo, em termos dialéticos, o que temos é uma meditação extremamente atual e necessária. Em tempos de pós-modernidade, a autora retoma

os descaminhos do Racionalismo, da Modernidade e do Capitalismo enquanto tópicos que estão na ordem do dia — mesmo que, alienados pela sociedade do espetáculo, olvidemos tudo isso. A interlocução com Guy Debord (pp.67-82) mostra um pouco esse viés: vivemos num mundo ilusório. Sob o capitalismo, ocorre uma série de inversões. Nesse sentido, ao questionar nossas práticas e intervenções (ou a falta delas ou, mesmo, sua repetição incessante) mas também nossas representações de mundo engendradas no interior das sociedades de consumo, talvez não seja demais destacar a contribuição epistemológica inscrita em Benjaminianas. Sim, pois o livro nos faz pensar a cidade, a sociedade, o tempo e o espaço para além da mercadoria. E isso não é pouco.

De fato, Matos explora muito bem algo que talvez possa ser denominado “pensamento de separação”: aquilo que, no capitalismo, faz com que tomemos não o falso como verdadeiro — oposição simplista e binária que em nada contribui e que certamente já fez o marxismo retroceder —, mas a mercadoria como única e redentora solução dos problemas e como finalidade da vida social. Uma vez consolidada, essa situação nos apartaria do lúdico, do ócio, da solidariedade, da emancipação, do simbólico, da alteridade. Em suma, do humano. “Antes indispensável, a ‘arte de viver’ era conhecimento de si, a *techné* tou biou sendo ascese e autoelaboração das possibilidades e limites na realização de desejos (...) Na contemporaneidade, ao contrário, os indivíduos não são mais sequer engrenagens na máquina de produção, mas compõem um mercado para o consumo, de tal forma que a modelação dos comportamentos visando ao mercado implica uma destruição programada do *savoir-vivre* (...) E assim como o operário submetido à máquina perde seu *savoir-faire*, reduzindo-se à condição de proletariado, da mesma forma o consumidor, padronizado em seus comportamentos de consumo pela fabricação artificial de desejos, perde seu *savoir-vivre*. Na sociedade de consumo, quando o homem está fora de seu trabalho, tampouco encontra-se junto a si” (pp.184-185).

Como bem pode perceber o leitor, as categorias fetiche, alienação e ideologia dão o tom do discurso. Entretanto, não estamos diante de um retorno puro e simples à obra de Marx, mas sim de uma apropriação e de uma junção prodigiosas envolvendo, sobretudo, Benjamin, Freud e Baudelaire. E, a despeito de seu caráter absolutamente eurocêntrico (há, p.ex., citações ao pensamento grego que me parecem despropositadas e, no limite, “fora de lugar” em se tratando de obra essencialmente crítica a uma sociabilidade erigida e reproduzida pela Europa mundo afora), a tessitura em questão é promovida por uma intelectual do “Terceiro Mundo” — o que, certamente, confere um quê de específico à abordagem como um todo. Afinal, nós, brasileiros, tendo experimentado na pele quase quatrocentos anos de passado escravista acrescidos dos dilemas de um capitalismo periférico, conhecemos bem o lado mais sombrio e cruel da Modernidade.

Embora Benjamin não tenha tido a chance de visitar o sul do Equador, sua opção por ler a Modernidade “a contrapelo” fez dele um de seus mais perspicazes analistas. Crítico do Racionalismo, do Cientificismo e da Modernidade que, juntos, ignoraram a emancipação humana, no terreno metodológico o filósofo alemão rejeitou uma relação mimética sujeito-objeto, assim como a dessacralização do mundo e uma história “natural” que predestina passado, presente e futuro — e, conseqüentemente, não concebe outras possibilidades e saídas. De qualquer maneira, como alguém que tem explorado as relações entre Geografia e História no plano epistemológico, minha preferência recai no Benjamin das “Teses sobre o conceito de História” — opção que parece distinta do encaminhamento dado pela autora. Assim, os ensaios “Mal-estar na temporalidade: o ser sem o tempo” e “Aufklärung na metrópole: Paris e a Via-Láctea” (que compõem a seção “Modernidade e fetiche: experiências do tempo”) contribuem sobremaneira ao entendimento da temporalidade — e, mesmo, da espacialidade — no âmbito do capitalismo e da Modernidade.

Enfim, sob as lentes benjaminianas, Olgária Matos reconstitui — não em nome de uma totalidade autoritária e hermética, mas por fragmentos e colagens — a Modernidade despida de toda e qualquer ilusão. Nem o fetiche da mercadoria nem a cultura capitalista foram capazes de detê-la. E,

---

como se não bastasse, a autora não compra briga com ninguém pela defesa do marxismo (tal como fizeram muitas das variantes do mesmo), mas sim busca persuadir o leitor em nome da capacidade analítica e explicativa de seus argumentos.

É por essas e outras razões que esse é um livro urgente. No entanto, deve ser lido sem pressa, sob o risco de ser tomado apenas como mais uma...mercadoria.

Trabalho enviado em novembro de 2010

Trabalho aceito em dezembro de 2010